

Lobby e movimento feminista: avanços & controvérsias

Mariana Andrade Barcelos Rosa
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Ciências Sociais
marianarosa_cs@yahoo.com.br

Introdução

O movimento feminista surgiu nas primeiras décadas do século XX com o propósito de contestar a ordem machista vigente e de reivindicar os direitos das mulheres perante o Estado moderno. Seus discursos, com ênfase na igualdade de gênero e práticas democráticas radicais, criaram uma cultura política distintiva que valorizava a autonomia e a informalidade de suas ações sociais. A partir dos anos 90, notamos, no entanto, uma reconfiguração da identidade desse movimento que se torna plural, mais formalizado e, em alguns casos, institucionalizado. Assistimos à globalização ou à transnacionalização dos múltiplos feminismos como resposta aos desafios de uma “sociedade civil global” (JAEGER, 2007; KALDOR, 2001; KEOHANE, 2003) em formação.

A crescente participação dos feminismos nas esferas hegemônicas da política internacional teve um impacto marcante e controverso dentro do campo feminista. As práticas de *lobby* e *advocacy* que caracterizam essa nova vertente institucionalizada contrastam com as do movimento em sua concepção original, delimitando fronteiras cada vez mais rígidas num movimento que se supunha coeso por compartilhar os mesmos ideais e ações coletivas.

Objetivos

Tal trabalho propõe-se a questionar: como a institucionalização, nomeadamente, através do *lobby* e da *advocacy*, afetou e afeta a causa e o desenvolvimento do movimento feminista? Buscar uma resposta a tal questão possibilita-nos verificar mudanças substantivas nos rumos tomados pelo movimento feminista em seu desenvolvimento histórico. Nesse sentido, torna-se extremamente relevante apreender as rupturas e os novos sentidos que resignificaram a dinâmica, os discursos e as ações desse movimento.

Metodologia

O presente trabalho parte de uma revisão bibliográfica que discute, primeiramente, o conceito de movimento social a fim de compreender o enquadramento do movimento feminista naquilo que denominamos de “novos movimentos sociais” (INGLEHART, 1997,1990; MELLUCI, 1988,1989; OFFE, 1992; TOURAINE, 1985). Faz-se também uma breve revisão do conceito de *lobby* (BOBBIO, 1991) a fim de contextualizar a prática em discussão. Segue-se, então, com a análise dos avanços e controvérsias do movimento feminista para, enfim, incidirmos sobre o problema levantado e entendermos como ocorreu esse processo de institucionalização e quais foram os seus desdobramentos no interior do movimento feminista.

Conclusões

O descentramento das práticas feministas nos anos 90, verificado pela expansão do alcance dos discursos feministas para uma variedade de espaços e lugares institucionais e extra-institucionais, representou, simultaneamente, avanços na política do movimento e contradições na sua dinâmica interna.

O alargamento das fronteiras revelou um campo feminista totalmente resignificado, heterogêneo, complexo e permeado por relações desiguais de poder. Isso ocorreu em virtude de uma institucionalização e transnacionalização desse campo que privilegiou o Estado e as arenas políticas internacionais, prejudicando os esforços de transformação cultural por meio de atividades de conscientização, organização e mobilização das bases locais.

O distanciamento da base, que oferece a sustentação do movimento para a implementação e garantia de direitos, sugere que paira uma ameaça de esquecimento do projeto fundador feminista. Nessas condições, o desafio do movimento feminista hoje é recuperar a sua autonomia e democratizar as relações em seu interior. Afinal, embora tenham-se criado redes ou teias político-comunicativas visando a uma maior articulação das energias e atividades feministas, verifica-se cada vez mais desequilíbrios de poder entre as mulheres que atuam em níveis diferentes e ocupam diferentes espaços dentro do campo feminista.

Referências

ALVAREZ, S. E. A “globalização” dos feminismos latino-americanos: tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio. In: ALVAREZ, S.E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR (Org.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.11, n.2, p. 533-540, jul/set. 2003.

BOBBIO, N.; MATEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: UNB, 1998. 2 v.

GOHN, M. G. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Cadernos CRH**, Salvador, v.21, n.4, p. 439-455, set/dez. 2008.

GOSS, K. P. e PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em tese**: revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, vol. 2, n.1, p.75-91, jan/jul. 2004. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/2_res6.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2011.

SIQUEIRA, M. C. A. Resenha do livro *Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civil de Maria da Glória Gohn*. **SER Social**, Brasília, v.12, n.16, p. 234-239, jan/jun 2010. Disponível em: <www.red.unb.br/index.php/SER_Social/article/download/1025/685>. Acesso em: 10 jan. 2011.

STOCK, M. J. (coord.), REVEZ, A. M., TEIXEIRA, C. P. **Velhos e novos actores políticos**: partidos e movimentos sociais. Lisboa: Universidade Aberta, 2005.